

## ORIENTE MÉDIO

# Visita de aposta alta

Joe Biden inicia tour por Israel, Cisjordânia e Arábia Saudita, onde se encontrará com líderes árabes. Presidente dos EUA pretende criar coalizão contra o Irã, fortalecer laços e debater solução para o conflito entre israelenses e palestinos

» RODRIGO CRAVEIRO

Assim que Joe Biden desembarcou no Aeroporto Internacional Ben Gurion, em Tel Aviv, a 9.437km dali, os Estados Unidos enfrentavam a maior inflação em 40 anos e meio — 9,1%. Foi nesse cenário, de popularidade e economia em queda, que o presidente democrata começou o seu primeiro tour pelo Oriente Médio com os objetivos de reafirmar o apoio “inabalável” a Israel, forjar uma coalizão internacional contra o Irã e se aproximar da Arábia Saudita, no momento em que a guerra entre Rússia e Ucrânia põe em xeque o acesso ao petróleo. A visita, hoje, a Belém (Cisjordânia) e o encontro com o colega palestino Mahmud Abbas também sinalizam uma tentativa de Biden de debater uma solução para o conflito entre árabes e judeus. Segundo o jornal israelense *Haaretz*, como os assessores de Washington e de Ramallah não chegaram a um consenso sobre uma declaração única, os dois líderes discursarão em separado.

“Maior paz, maior estabilidade, maior conexão. É algo crítico, é fundamental, se posso acrescentar, para todas as pessoas da região. Por isso discutiremos meu apoio contínuo, mesmo sabendo não ser no curto prazo, por uma solução baseada em dois Estados”, declarou Biden. “Essa continua a ser, na minha opinião, a melhor forma de garantir o futuro de igual medida de liberdade, prosperidade e democracia para israelenses e palestinos.” O presidente dos EUA também citou o processo de reaproximação entre Israel e algumas nações árabes. “Vamos continuar avançando para a integração de Israel na região”, prometeu. “Reafirmamos o nosso compromisso inabalável dos Estados Unidos com a segurança de Israel, incluindo a parceria nos sistemas de defesa mais avançados do mundo.”

Ainda no aeroporto, ele assistiu a uma apresentação sobre o Domo de Ferro, o sistema antimísseis de Israel, e o Feixe de Ferro, um dispositivo de resposta a laser antidrone. Na passagem pelo Memorial de Shoah (genocídio dos judeus na Alemanha

Jack Guez/AFP



Joe Biden (D) e o premiê israelense, Yair Lapid, se cumprimentam após o líder norte-americano desembarcar do Air Force One, em Tel Aviv

confirmou que conversaria com Biden sobre a ameaça das armas atômicas desenvolvidas por Teerã. “Nós debateremos a necessidade de renovar uma forte coalizão global que detenha o programa nuclear iraniano.”

### “Liderança renovada”

Professor de ciência política da Universidade Bar Ilan, em Ramat Gan (subúrbio de Tel Aviv), Gerald Steinberg explicou ao *Correio* que Biden busca demonstrar uma liderança renovada no Oriente Médio. “Ao realizar a primeira escala em Israel, os EUA reforçam o compromisso com a segurança do Estado israelense, por meio da expansão da cooperação regional contra a ameaça iraniana.” Ele aposta que Biden repetirá o apoio da Casa Branca a uma solução para o conflito israelo-palestino baseada em dois Estados, apesar de reconhecer que não existem condições de progresso.

Para Gerald Steinberg, a mudança de prioridade da política externa de Washington em relação ao Oriente Médio tem relação com a crise econômica e o alto custo da energia — consequência da invasão russa à Ucrânia. “Isso exige a reconciliação norte-americana com a Arábia Saudita, a fim de aumentar a produção petrolífera e defender os sauditas de ataques iranianos”, disse o professor.

Especialista em Oriente Médio pela Universidade de Princeton, o iraniano Seyed Hossein Mousavian afirmou à reportagem que o ex-presidente Donald Trump vinculou a aliança entre EUA, Israel e países árabes a uma política de “pressão máxima”. “Em troca, o Irã ampliou sua influência, ao expandir o programa nuclear e ao investir em aliados regionais, o que levou a um aumento de 400% no número de ataques às tropas americanas somente no Iraque”, lembrou o especialista. Para alcançar a paz sustentável na região, os EUA precisam envolver os atores regionais, apoiar as negociações entre Riad e Teerã e reviver o JCPOA, o acordo internacional sobre o programa nuclear iraniano firmado em 2015.

### As vozes dos embaixadores

#### “Uma parceria estratégica”

Por Daniel Zonshine

“A visita do presidente Biden mostra a força das relações entre Israel e os EUA. É uma parceria estratégica, a qual revela o compromisso dos EUA com a segurança de Israel. Nosso país é um ator estratégico no Oriente Médio. Israel contribui com a segurança e a estabilidade na área. Nós saudamos a visita do presidente Biden à Arábia Saudita, que pode contribuir



com a normalização na região. Os sauditas desempenham um importante papel no Oriente Médio para a estabilidade. Há mudanças na região, como acordos de paz, e Israel tem contribuído com isso nos setores da economia e da segurança. Israel e EUA estão comprometidos com o tema iraniano, em agir contra a hostilidade e a agressividade do Irã.”

Embaixador de Israel no Brasil

#### “Um gesto de esperança”

Por Ibrahim Alzeben

“O povo palestino sempre olha com muita esperança para gestos capazes de conduzir à paz na região. Paz baseada nos direitos inalienáveis do povo palestino de criar seu Estado em um território pátrio, com Jerusalém Oriental como capital. Também com a garantia de segurança à região. A visita do senhor presidente Biden é um evento extraordinário. Todos nós



temos esperança de que ela possa mudar a equação de extrema violência por parte de Israel. O assassinato de palestinos tem sido algo cotidiano. O maior inimigo da região é a ocupação israelense. É do interesse dos EUA manter a calma, a segurança e a estabilidade no Oriente Médio. A ocupação do território palestino causa instabilidade regional. O tema de Jerusalém também é nevrálgico para nosso povo.”

Embaixador palestino no Brasil

nazista), em Jerusalém, Joe Biden se emocionou. Usando um quipá preto, depositou flores no local e abraçou duas sobreviventes do Holocausto. “Nunca devemos

esquecer porque o ódio nunca perece”, escreveu o presidente democrata, no livro de visitas.

O primeiro-ministro de Israel, Yair Lapid, classificou a visita de

Joe Biden como “histórica e profundamente pessoal”. “É histórica por expressar o vínculo inquebrável entre nossos dois países. Nosso compromisso com valores

compartilhados: democracia, liberdade e o direito do povo judeu a um Estado próprio”, afirmou, ao lembrar que o presidente dos EUA intitulou-se “sionista”. Lapid

## SRI LANKA

# Manifestantes invadem gabinete do premiê

Quatro dias depois de manifestantes invadirem o palácio presidencial, em Colombo, a crise política no Sri Lanka ganhou contornos ainda mais graves. Uma multidão tomou o gabinete do primeiro-ministro cingalês, Ranil Wickremesinghe, e a sede da emissora pública de televisão Rupavahini. O presidente Gotabaya Rajapaksa fugiu para as Maldivas e prometeu entregar oficialmente o poder até a zero hora de hoje (16h de ontem em Brasília), o que não ocorreu.

No fim da noite, o presidente do Parlamento, Mahinda Yapa Abeywardana, anunciou na TV que Rajapaksa enviaria a carta de renúncia. Wickremesinghe ordenou às forças de segurança que “façam o necessário para restabelecer a ordem”. “Os manifestantes querem impedir que eu cumpra minhas responsabilidades como presidente interino. Não podemos permitir que os fascistas tomem o controle”, disse o premiê, que, na véspera, tinha decretado

estado de emergência e toque de recolher em Colombo.

Morador da capital, Colombo, Ameer Faaiz — advogado independente e ativista dos direitos humanos — explicou ao *Correio* que a recessão econômica é a principal causa da convulsão social. “O meu país sofre uma grave escassez de bens essenciais, como o combustível e o gás. Os protestos começaram durante o governo do presidente Gotabaya Rajapaksa, e a enorme inflação, que levou à disparada dos preços dos alimentos e causou uma situação insustentável para a população média cingalesa”, explicou.

De acordo com Faaiz, as políticas adotadas pelo presidente agravaram a crise, como a proibição do uso de fertilizantes. “Além da forma não democrática de governo, o Sri Lanka assistiu ao aumento da corrupção. Desde o início dos protestos, as condições econômicas não melhoraram. Rajapaksa foi o único membro do partido Sri Lanka Podujana Peramuna que não foi eleito

Arun Sankar/AFP



O povo toma o escritório de Ranil Wickremesinghe, na capital, Colombo

pelo povo, mas apontado pelo Parlamento. A indicação, ilegítima e inconstitucional, fez com que os protestos aumentassem.”

Ainda segundo Faaiz, a

demanda dos manifestantes se acentuou depois que quase todos os líderes dos partidos políticos exigiram a renúncia de Wickremesinghe. “Isso porque

### Eu acho...

Arquivo pessoal



“Os manifestantes tomaram locais icônicos do poder, como o palácio presidencial, a residência do presidente e o escritório do primeiro-ministro. Os líderes políticos que detêm representação no Parlamento solicitaram a renúncia do premiê antes mesmo que o presidente deixasse o país.”

Ameer Faaiz, advogado independente e ativista dos direitos humanos, morador de Colombo

acredita-se que o premiê nunca teve legitimidade, por ter sido apontado pelo presidente Rajapaksa como o substituto preferido. Agora, com a

partida de Rajapaksa, o povo e os líderes dos partidos querem que Wickremesinghe também deixe o poder, a fim de que um novo presidente e um novo primeiro-ministro sejam escolhidos pelo Parlamento”, explicou.

Também em Colombo, o jornalista Chathuranga Hapuarachchi disse ao *Correio* que a demanda popular é bastante simples para amenizar ao menos a crise política: as renúncias de Rajapaksa e de Wickremesinghe. “As pessoas não viram isso acontecer. O que se exige é um governo interino conformado por todos os partidos e eleições antecipadas”, afirmou. Hapuarachchi lembra que, na última eleição parlamentar, Wickremesinghe não ganhou sequer um assento e conquistou o cargo por meio da lista nacional — os votos gerais obtidos pelo seu Partido Unido Nacional. “Uma pessoa que não detém mandato foi nomeada premiê e, agora, Rajapaksa o designou presidente interino. Isso supera o absurdo”, reagiu o jornalista. (RC)